Fio de Linho



Cristina Bomfim

FIO DE LINHO

Cristina Bomfim

Copyright © 2023 Cristina Bomfim

All rights reserved

The characters and events portrayed in this book are fictitious. Any similarity to real persons, living or dead, is coincidental and not intended by the author.

No part of this book may be reproduced, or stored in a retrieval system, or transmitted in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, or otherwise, without express written permission of the publisher.

ISBN-13: 9781234567890
ISBN-10: 1477123456

Cover design by: Art Painter
Library of Congress Control Number: 2018675309
Printed in the United States of America

Capa e Ilustrações: Cristina Bomfim
Revisão: Fabiana Alvarenga
Diagramação: Cristina Bomfim

Para todos aqueles que acreditam em fadas e jardins mágicos.

"E assim como a primavera, eu me deixei cortar para vir mais forte…"

CLARICE LISPECTOR



Era uma vez, em uma terra encantada, ou se me permite dizer, um pequeno jardim encantado, uma pequena fadinha. Não duvide, caro leitor, quando digo que ela era pequena, essa fadinha de olhos esmeralda e pele do mesmo tom de uma violeta a desabrochar, era, de fato, minúscula. Mas não se engane ou tire conclusões precipitadas sobre seu tamanho, apesar de ser pequena como as pétalas de um dente de leão de calçada, — e se você já viu uma dessas flores douradas como sol, certamente agora entende que nossa fadinha possui um porte verdadeiramente estreito — sua personalidade não era de modo algum sinônimo de qualquer palavra que descreva algo pequeno. Nossa fadinha de olhos esmeralda era vaidosa, um tanto quanto esnobe, e falava alto, muito alto, não para nós, meros humanos, uma fada que grita não passa de um zumbido para nossos ouvidos, porém, em seu pequeno jardim ela era barulhenta.

O jardim no qual a fadinha vivia não era especial, centenas de minúsculos seres mágicos existiam entre as folhagens e as flores coloridas, assim como em qualquer outro jardim. Te garanto que, se um dia você deitar em um gramado e observar com atenção, irá encontrar magia na terra úmida e a brisa que passeia sem pressa para apreciar suas feições.



Nossa fadinha vivia em uma lavanda, uma enorme lavanda, admito que na verdade não era tão grande assim, mas, para as fadinhas daquele jardim, uma lavanda era uma das mais altas e almejadas flores da coleção. A fadinha havia nascido lá, portanto se assemelhava a ela. Todos os dias, essa pequena criaturinha acordava do alto de sua lavanda e cantava para as flores do jardim, eu já devo ter dito o tanto que ela era barulhenta. Pobrezinha, ela não cantava bem, nem um pouco, porém as flores se divertiam com suas tentativas desastrosas, portanto ficavam mais felizes e, consequentemente, mais belas. Entenda, caro leitor, uma flor sempre reconhece as verdadeiras intenções do seu coração, por isso nunca a arranque de sua terra, ela será mais feliz se você a apreciar com amor sem precisar ceifá-la.

Na mesma proporção em que as flores amavam nossa fadinha de olhos esmeralda, as outras criaturinhas daquele jardim a detestavam. Nossa fadinha, além de barulhenta, gostava de despertar cedo, e quando começava a cantar acordava a todos com seu grito agudo e desafinado. Era um horror, os minúsculos habitantes do jardim gritavam para ela, implorando para que parasse, mas a nossa fadinha não escutava, ela não se importava, continuava a cantar e cantar para o desespero de todos. Eu não me lembro com exatidão da canção de nossa fadinha, mas acredito que se assemelhava a algo assim:

"Acordem flores do jardim de Uzá, a
lavanda que amas despertaste, sua beleza
é rara, não há como contestar.

Apreciem o céu assim como apreciam minhas asas

Sejam gratas ao sol tanto quanto são gratas aos meus olhos esmeralda.

Não se esqueçam de elogiar as pétalas que me cobrem, vocês que me deram cada pedaço desse presente nobre.

Temo que ninguém possa me merecer, a solidão que me acompanha se assemelha ao alvorecer.
Por isso, flores de Uzá, prometam para mim,
todas as manhãs me farão companhia,
mesmo que um dia eu me canse de nosso modesto jardim."

E assim ela fazia todas as manhãs.

Certo dia, os habitantes daquele jardim, com inveja da fadinha que vivia na mais bela e alta lavanda da coleção, fizeram uma armadilha para ela. Ora, você já deve saber que fadas não podem voar muito alto, nem por muito tempo, é exaustivo para seus corpos minúsculos e frágeis, por isso elas sempre habitam em quintais com grama alta onde podem repousar de seus voos, ou jardins com muitas flores que servem de escadas para elas também. Por isso tome cuidado ao arrancar uma margarida da terra, ela pode estar abrigando uma fadinha de olhos esmeralda.

Os pequenos seres daquele vasto jardim pediram que Fadinha fosse buscar as pétalas da árvore de cerejeira do outro lado da região que habitavam.

— Apenas você, e unicamente você, ó fadinha de olhos esmeralda, pode buscar essas pétalas para nosso povo. As flores a amam e certamente a árvore rosa será generosa com você, venha, leve consigo este cesto, pegue duas ou três pétalas e traga para nós.

A fadinha, feliz por finalmente constatar que seus vizinhos haviam percebido seu valor, aceitou a missão imediatamente. A afobação e a ansiedade em ser útil não a fizeram pensar direito e calcular o trajeto longo e perigoso até a tão estimada árvore de cerejeira.

— Fui reconhecida, eles conhecem meu valor, sou importante para o jardim, faço diferença — afirmava constantemente para si mesma.

Mal sabia ela que muitos pássaros habitavam a zona rosa, e como eu já disse, nossa fada era pequena. Qualquer pássaro, por menor que seja, é extremamente letal a fadinhas frágeis e delicadas. Ela partiu de sua lavanda segura com o cesto em mãos, as flores que a apreciavam choraram muito naquele dia, já devo ter dito também que todas as flores reconhecem a sinceridade de nossos corações, e naquele dia, o jardim estava triste, muito triste, pois haviam enganado sua fadinha favorita, mas como não podiam falar, lhes restava orar.

Nossa pequena criaturinha de pele violeta começou sua jornada — apesar do caminho não ser longo para os humanos, em apenas setenta passos chegaríamos na árvore de cerejeira — para a fadinha era um trajeto árduo, ela parava bastante para repousar em algumas folhas e precisava ficar atenta com os insetos maiores que ela. Na metade do caminho ela percebeu que, na verdade, era uma missão muito perigosa, mas nada tirava de sua cabeça que agora ela tinha valor, seus pequenos vizinhos a amavam também, assim como as flores, pensava ela. Pobre fadinha violeta, quantas pessoas figuram estar apoiando nossos anseios quando na verdade almejam nossa desgraça, querem aparentar que nos ajudam e acolhem, mas a cada passo de nossa conquista, elas ficam mais escuras e amargas por dentro. Nunca se esqueça, flores não florescem em corações assim. Se você tem um coração com o solo pouco fértil, por favor, cuide de sua terra, não existe nada mais lindo do que um coração florido, e você será mais feliz com intenções repletas de tulipas.

Quando a fadinha finalmente chegou perto o suficiente para que conseguisse avistar as flores da cerejeira, decidiu caminhar, suas asas estavam exaustas e, se ela não poupasse energia,

não conseguiria voltar. Ela caminhou na terra úmida, seus pequenos sapatinhos ficaram imundos, a terra se espalhou por seu rosto e ficou difícil reconhecer sua beleza incontestável. Apesar da exaustão ela sempre repetia para si mesma:

— Eu tenho valor, eles me amam. Tenho valor, disseram que somente eu poderia fazer isso. Tenho valor, a árvore será generosa quando me ouvir cantar. Eu tenho valor.

A fadinha não percebeu quando começou a chorar. Havia alcançado a árvore, bastava voar até alguma pétala. Ela se posicionou para o voo, mas se assustou, não conseguia sair do lugar. Olhou para suas asas, coitadinhas, a lama havia secado e elas estavam duras como pedra, a fadinha precisava de água para amolecer aquele barro grudento. Avistou uma pequena poça ao lado de uma folha amarela e foi a passos lentos até o local, mas quando ela se ajoelhou para apenas tocar aquela gota de água, um enorme pássaro vermelho surgiu pronto para devorá-la. A fadinha soltou um grito agudo, que nem mesmo o pássaro ouviu, e correu para debaixo da folha amarela. Ficou um tempo ali esperando, percebeu que algumas pétalas cor de rosa estavam no chão.

Entenda, fadinhas não gostam de pétalas caídas, preferem coletar as pétalas frescas que as próprias flores se encarregam de presentear de bom grado se apreciam a criaturinha que a solicita, mas, àquela altura, nossa fadinha violeta não tinha muitas opções disponíveis. Mesmo contra sua vontade, pegou as pétalas lamacentas do chão e voltou para se proteger na folha amarela, mas antes que alcançasse seu abrigo, o pássaro vermelho ressurgiu, e dessa vez passou muito, mas muito perto dela, tão perto que a fez tropeçar. A fadinha não se permitiu desanimar e logo se recuperou, escondeu-se no meio do gramado que circulava a enorme árvore cor de rosa e suspirou aliviada ao olhar as pétalas sujas em sua cesta.

Havia orvalho na grama, ela pegou uma pequena gota com suas minúsculas e imperceptíveis mãos, levou até suas asas e então chorou. Chorou como nunca na vida. Pobre fadinha, sua asa estava quebrada. Ela não voaria mais. Nunca mais.

O trajeto que já era difícil ficou ainda mais árduo, nossa fadinha violeta precisou escalar folhagens, fugir de insetos gigantes comparado a seu tamanho, proteger-se de areias movediças e se abrigar em flores pouco receptivas nas noites de frio. Pensou que morreria, e na verdade, em vários momentos ela desejou esse fim, talvez fosse mais fácil terminar dessa forma do que nunca mais voar pelo seu amado jardim.

Todos ficaram abismados quando viram a fadinha chegar.

— Achamos que não voltaria! — Um deixou escapar.

— Ora, mas por que? — perguntou a fadinha intrigada.

Ele tentou se corrigir de modo miserável.

— Você sabe, fadinha, todos a amam, achamos que seria tão bem recebida pela árvore rosa que decidiria ficar por lá mesmo, mas percebo — Analisou o estado podre que se encontrava a pobre criaturinha que nem era possível mais reconhecer se era violeta ou não — que talvez não a amem tanto assim.

Nossa fadinha tentou esconder as lágrimas que insistiam em escorrer. Não a amavam?

— Trouxe as pétalas que pediste.

As criaturinhas começaram a rir quando viram a lama que cobria a cor rosa das pétalas e jogaram o cesto no chão como se não fosse nada.

— Não podemos usar esse lixo! A árvore te odiou tanto assim que nem quis te presentear com pétalas frescas? Talvez não devesse ter cantado para ela. — Ironizou de modo terrivelmente cruel para ferir o orgulho da nossa fadinha.

— Eu não cantei, não consegui, fiquei presa no chão — admitiu com o coração apertado.

Então ela mostrou suas asas quebradas. Imediatamente todos deram pelo menos dois pequenos passos para trás, assustados com o ferimento.

— Cuidado! — um gritou — Ela é uma fada que não voa! Pode ser contagioso, não toquem nela! Não a toquem! — implorava, agitando todas as fadas ao redor.

As criaturinhas fugiram, deixando-a completamente sozinha e rejeitada no chão.

— Mas e meu valor? — sussurrou para si.

Ela compreendeu naquele momento que não havia valor, usaram sua beleza como desculpa e a feriram, e então a descartaram quando não obtiveram o que almejavam. Se sentiu indigna e perdida, não poderiam tocar nela e nem ela em ninguém. Será que as flores sentiam a mesma repulsa?

Agora que nossa fadinha não podia mais voar, restou-lhe viver na terra. Fadas detestam sujeira, por isso sempre vivem no alto de suas flores, mas como chegar no topo sem asas? Nossa criaturinha favorita precisou se adaptar, forrava o chão lamacento com folhas novas todos os dias e se abrigava debaixo de pétalas caídas. Teve que se afastar do centro do jardim e viver escondida para que ninguém a visse, tamanha era a humilhação de uma fada que não podia voar.

Os dias se passaram vagarosamente, Fadinha não saía mais para cantar, estava infeliz e fraca demais para isso. Mesmo que o canto não fosse sua habilidade mais estimada, as flores daquele jardim repleto de criaturinhas pomposas começaram a se entristecer. Flores tristes não crescem, elas murcham e adoecem. Elas estavam com saudades da fadinha de olhos esmeralda, e sua canção, apesar de desastrosa, era divertida e trazia alegria para as manhãs do jardim. Sem a voz desafinada de fadinha, as flores começaram a morrer e o jardim que antes era tão belo, perdeu a cor e a vivacidade. As criaturinhas que a expulsaram se recusavam a acreditar que seu lar estava morrendo por culpa delas mesmas e tentavam se convencer que sem a fadinha violeta estavam muito, mas muito melhores.

— Ainda bem que ela se foi — dizia uma criaturinha que havia perdido a flor em que morava.

— Sim, estamos bem — Outra concordou enquanto trocava a quinta pétala morta de seu terreno.

— Muito bem, nosso jardim nunca foi tão encantador — Um complementava do alto de um girassol murcho.

— De fato, sua nova aparência é fascinante — Consentia, se recusando a abrir os olhos.

Certo dia, um caramujo mensageiro chegou no jardim com uma notícia alarmante.

— O jardineiro está vindo! Se apressem! Ele está vindo!

As criaturinhas se desesperaram.

— Mas por que? O que há de errado com nosso jardim? — Uma fadinha escandalosa lamentou.

Se parassem para analisar bem, nossa fadinha de olhos esmeralda não era a única criaturinha escandalosa, cada um possuía uma característica demasiada intrigante. A fadinha laranja que vivia em girassóis sempre ficava até tarde tagarelando com suas amigas. A criaturinha amarela das margaridas, todos os dias contava bem-me-quer, mal-me-quer, espalhando centenas de pétalas pelo chão, não era fácil limpar a bagunça depois. Nem mesmo o líder do jardim escapava da lista de irritações, todos odiavam a hora do dia em que ele se bronzeava no alto de sua flor vermelha e vibrante, será que ele estava tentando se assemelhar à cor de sua flor? De qualquer forma, não era uma vista agradável aos vizinhos. Como pode ver caro leitor, todas as fadas daquele jardim sabiam ser detestáveis, mas por alguma razão, era

apenas com Fadinha que se irritavam.

O jardim estava agitado, haviam boatos que o jardineiro só visitava jardins doentes e com problemas, a presença dele era a confirmação de que algo estava muito errado e ninguém queria dar o braço a torcer.

— Ele vem — o caramujo reafirmou — Estará aqui amanhã antes do pôr do sol.

— Amanhã? Não teremos tempo de tentar ajeitar o jardim até lá, ele vai destruir nossa casa — o líder daquele pequeno povoado exclamou — Quando soube da notícia?

— Há duas semanas, meu senhor — respondeu orgulhoso.

— E por que não veio correndo nos contar assim que recebeu o comunicado?

O caramujo ficou irritado com o tom de ofensa.

— Foi exatamente o que fiz! Sou o mensageiro mais veloz da região.

Nem eu, nem você, nem nenhuma criaturinha mágica um dia entenderá por que nomearam justamente os caramujos como mensageiros de emergência. Será que foi uma piada de mau gosto que levaram a sério demais? Jamais saberemos, mas, de fato, aquele caramujinho era o mais veloz do esquadrão, se fosse qualquer outro a mensagem nem teria chegado a tempo.

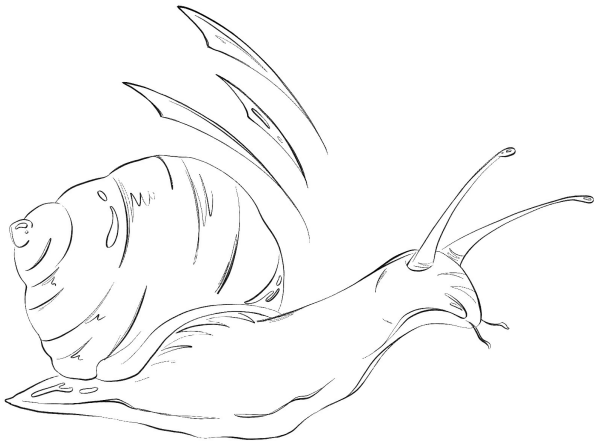
As criaturas do jardim trataram de se apressar, mas como esconder, do jardineiro, as marcas de podridão? Como não o deixar perceber que as rosas vermelhas na verdade estavam do mesmo tom da terra? Como acobertar as folhas caídas no chão de um especialista? Certamente ele podaria o jardim para que recomeçasse. Havia boatos de que, por onde o jardineiro passava, os lares eram destruídos para que fossem construídos novos. Não era isso que aquelas criaturinhas queriam. Seu lar era perfeito, era o que afirmavam a si mesmas todos os dias. Preferiam viver como estavam do que passar pela restauração do jardineiro. O líder do jardim teve então uma ideia genial. Sendo bem sincera, não sei dizer quão genial era de fato, mas era uma ideia, e tudo que estivesse ao alcance eles fariam.

— Vamos pintar nossa casa! Ela não está com problemas, só precisa de uma pintura moderna, uma cara nova!

Era essa a solução, bastava passar uma camada generosa de tinta por cima da podridão e ela não existiria mais. Responda-me, caro leitor, se uma casa está com infiltração, manchando as paredes de água e mofo, uma camada de tinta resolverá o incômodo? Afirmo que da mesma forma que essa casa precisaria de um encanador, aquele teimoso jardim precisava de um jardineiro, aquela terra repleta de criaturinhas soberbas precisava ser curada e ter a adversidade resolvida de dentro para fora. Mas elas não queriam olhar para dentro, para os erros que assolavam suas almas, sempre fora mais fácil encontrar os erros superficiais do outro do que os do próprio coração. Ah, que amargo coração, e ainda julgavam nossa fadinha. *Hipócritas.*

A missão havia começado, coletaram o escasso pólen que lhes restava e usaram as cores das pétalas ainda vivas para produzir tintas coloridas. As poucas flores boas que sobraram foram mortas para disfarçar os defuntos. Ei, não julgue a mim, esta brilhante ideia foi deles, ora essa.

O caramujo já estava partindo por conta da insolência que havia presenciado ao entrar naquele jardim, ficara irritado pela forma com que o trataram, por isso, quanto antes partisse, melhor. Decidiu pegar o caminho das pedras, pois um primo dele morava na região, e ele estava ansioso para fofocar sobre as fadinhas mal-educadas que conhecera. Não notou quando passou ao lado do esconderijo de nossa fadinha favorita.



— Me desculpe, meu senhor.

— Ah! — gritou o caramujo assustado — Quem me chama?

— Perdoe-me por assustá-lo, mas por que o jardim parece tão agitado?

— O jardineiro vem — respondeu o caramujo pouco interessado em conversar com mais uma criatura daquele detestável jardim.

— Você é o mensageiro?

— Sim! — Já esperava a zombaria.

A fadinha sorriu.

— Que bom que chegou a tempo deles se prepararem, o senhor deve ser muito rápido.

O pequeno caramujo ficou surpreso e curioso para ver melhor o rosto da criaturinha gentil que se escondia por entre as pétalas caídas.

— Me chamo Leonard, e você? Como lhe chamam?

A fadinha baixou o olhar.

— Não gosto de como me chamam.

— Por que vive aqui? — Olhava com horror a cabana improvisada em que ela vivia.

Ela lhe revelou sua asa partida. O caramujo Leo pensou um pouco antes de dizer alguma coisa, certamente precisava tomar cuidado com as palavras, ela estava ferida, não apenas por fora.

— Fadas não foram feitas para viver no chão. Ninguém de seu jardim lhe ajudou a subir em alguma flor?

— Eles deveriam fazer isso? — perguntou, intrigada.

— Deveriam sim, poxa vida! Como podem se chamar de comunidade se não vivem em comunidade? Não sente falta de casa?

Fadinha lembrou de sua lavanda, que saudade sentia. Do topo dela, ela conseguia cantar para todo o jardim, amava a vida com as flores. Levantou o queixo com orgulho.

— Minha casa era a mais desejada. Todos queriam viver na minha lavanda.

— Será que não pegaram sua casa depois que partiu?

Ela riu com sarcasmo.

— Há! Mal sabem, minha lavanda é tão orgulhosa quanto eu, fui a única fada que ela

aceitou, qualquer outro que tentar entrar certamente será expulso por ela, minha lavanda nunca tolerou fadas insolentes.

Leonard se aproximou dela com um sorriso travesso.

— Você não conseguiu esconder sua verdadeira personalidade por muito tempo, não é? Agora sim eu percebo que você pertence, de fato, àquele jardim.

— Perdoe-me, não pretendia esconder nada de ti. É como sou. Por que preciso ser totalmente boa ou totalmente má?

A nossa fadinha tinha um ponto e Leonard não possuía argumento contra aquilo. Mesmo ela não aparentando ser uma fada honesta ou generosa, as flores ainda a amavam. O nosso veloz caramujo reparou que as pétalas caídas, que formavam o abrigo de fadinha ainda se esforçavam para se manterem frescas por ela. Ela era estimada, e todos sabem, flores não mentem.

— Sabe, eu acho que tenho a solução para seu problema.

— Qual? — perguntou, esperançosa.

— Dizem que o jardineiro, além de restaurar jardins desastrosos, também consegue trabalhar em criaturas partidas. Quem sabe ele consiga consertar sua asa, e então você poderá voltar para sua bela e confortável lavanda.

Agora o caramujo havia tocado na vaidade de nossa fadinha, e se sua vaidade era grande, sua determinação era colossal. Agora ela tinha um plano, uma esperança. Iria encontrar o jardineiro e exigir que a curasse.

A noite foi muito barulhenta, as criaturinhas do jardim perderam incontáveis minutos pintando as flores mortas para tentar enganar o jardineiro que logo viria. Nossa fadinha ficou observando a correria de longe e se questionou como conseguiria falar com o homem que estava por vir, por conta de seu tamanho reduzido. Eu sei que já devo ter mencionado que nossa fadinha era pequena como as pétalas de um dente de leão de calçada, mas eu não posso te deixar esquecer desse detalhe, preciso mesmo que você entenda que ela era minúscula, nenhum homem conseguiria ouvi-la ou senti-la se ela o tocasse, se seu tamanho era menor que as pétalas, que dirá os seus dedos de lavanda. Como chamaria a atenção do grande jardineiro? Como ele a notaria? Como ele saberia que ela estava ali?

O gentil caramujo cancelou os planos com seu estimado primo porque estava curioso, queria ver como nossa soberba fadinha se sairia em sua nova missão secreta. Na verdade, sua missão não era tão secreta assim. Fadinha supôs que ao contar o que o veloz caramujo havia lhe informado, as outras criaturinhas lhe ajudariam a chegar até o jardineiro, mas, assim que ela revelou suas intenções, todos se apavoraram. Se o jardineiro visse uma fada estragada certamente perceberia que tinha algo de errado com o jardim, pois entenda, caro leitor, não existe um único jardim no mundo que não abrigue fadas mágicas. E se o jardim é bem cuidado, as fadas dele também serão. Portanto, se você tem um pequeno quintal na sua casa, ou inúmeros vasos de flores e plantas em sua varanda, pode ter certeza, uma fadinha vive lá. Não lhe garanto que é uma fadinha de olhos esmeralda e pele violeta, mas pode ser uma fadinha com os olhos do oceano e a pele da cor do nascer do sol. Não sei como você imaginou isso, mas seria uma linda fadinha, espero que um dia tenha a sorte de vê-la com seus próprios olhos.

Com medo, as criaturinhas prenderam nossa fadinha para que ela não se revelasse ao jardineiro. Colocaram-na em um poço e fecharam a saída com galhos, e lá ela passou a noite toda.

Bem cedo, ela ouviu uma voz familiar.

— Não achei que fosse burra.

— Oh Leo, você veio me salvar?

— Achou mesmo que seria inteligente falar para todos seu plano?

— Meu cérebro é pequeno.

— Agradeça por ter esbarrado no caramujo mais veloz de todos os mensageiros, logo te tiro desse poço.

— Eu agradeço — disse com um sorriso sincero.

Levou alguns minutos para que Leo retirasse todos os galhos da entrada, por sorte não havia ninguém vigiando. O poço era fundo, e como suas asas estavam danificadas, com certeza não conseguiria sair de lá, mas ela conseguiria se tivesse a carona de um caramujo grudento que certamente escalaria aquelas paredes.

Nossa fadinha ficou agitada com a missão de resgate, mas sua empolgação logo se dissipou. Claro que, para Leo, ele estava veloz, mas ele havia chegado lá de manhã e o sol já estava quase se pondo quando os dois estavam no fim do poço voltando para a superfície. Talvez tenha sido o resgaste mais longo da história das fadas, mas nossa fadinha jamais diria isso, afinal ele poderia se magoar e largá-la ali. Então ela apenas aceitou que a ajuda desastrosa era melhor que ajuda nenhuma.

Assim que se aproximaram do final daquele terrível buraco, conseguiram ouvir a voz de um homem, o jardineiro havia chegado, mas não estava só, para a surpresa de todos estava acompanhado de doze crianças curiosas. Fadinhas tendem a não gostar de crianças, apesar de serem extremamente adoráveis, elas são um pouco atrapalhadas e possuem a péssima mania de arrancar as flores para brincar de cozinha ou presentear suas mamães. Não estou reclamando por fazerem isso, são apenas crianças, afinal, puras e inocentes de coração, mas se coloque no lugar da fadinha que perdeu a flor em que morava porque sua casa seria usada para uma rápida distração e depois abandonada na terra. Agora entende por que elas não se dão bem com nossos pequeninos?

As criaturinhas daquele jardim estavam bem escondidas, torcendo para que nenhuma criança as visse. Eu sei que eu disse que é quase impossível um homem conseguir ver uma fada por causa de seu tamanho, mas eu estou falando de crianças. E o olhar da infância sempre foi mais propenso a enxergar a magia que os olhos maduros já perderam. Fadinha e o nosso veloz caramujo se esconderam embaixo de uma folha pintada de vermelho na noite passada e se colocaram a observar a avaliação do jardineiro.

— Hoje vou ensiná-los a como restaurar um jardim — A voz do jardineiro era calma, mas nada melancólica. Era possível sentir alegria através de suas palavras.

— Por que está pegando a tesoura? — perguntou uma criança preocupada.

— Para recuperar a beleza e vida desse jardim precisarei cortar, podar, adubar e fertilizar. Não existe restauração sem cortes.

— Não tem mesmo como curá-lo sem cortar as pobres flores? — Outra criança questionou, com o olhar choroso.

— Apenas um milagre para salvar esse jardim. — respondeu em um tom brincalhão.

O jardineiro era um homem alto, sua pele era escura como a terra que estudava e os longos fios de seus cabelos pareciam centenas de pequenos espirais. Seus olhos castanhos eram convidativos e mesmo quando seus lábios cheios não estavam sorrindo, seus olhos pareciam já cumprir esse papel. Sua aparência e seu semblante eram tão acolhedores que nossa fadinha soberba e vaidosa por um segundo se esqueceu de sua vaidade. Agora, ela não queria apenas ser curada, ela queria tocá-lo.

O homem aproximou a mão do esconderijo que o caramujo havia escolhido junto à sua

nova amiga. Cortou uma flor e levou as mãos até as crianças. Nossa fadinha imaginou que ele cortaria outra flor naquele mesmo lugar novamente, então já sabia o que fazer, quando descesse a mão mais uma vez ela pularia em cima de seus dedos e faria com que ele a visse. Assim conseguiria a cura que tanto ansiava.

Aconteceu como Fadinha previu, a mão do jardineiro desceu e ela correu para alcançá-lo, mas não notou que as outras criaturinhas do jardim a estavam observando e então a seguraram, impedindo-a de prosseguir.

— Por que fazem isso comigo? — gritava, se debatendo — Não me querem curada de forma alguma? Como podem ser cruéis a esse ponto? Sei que não sou agradável, nem de boa companhia, mas mereço ser tratada de tal forma?

— Se o jardineiro te ver perceberá que nosso jardim abriga uma fada defeituosa e ao invés de nos restaurar, destruirá nosso lar! — Um argumentou enquanto a puxava pelo braço.

— Ele já viu que o jardim tem problemas! — gritou ainda mais — Parem de tentar esconder nossos defeitos dele! Ele já viu! Ele já nos viu! — repetiu.

Nosso veloz caramujo havia sido preso pelas outras fadinhas também e assistia a cena completamente atordoado. Ela continuou.

— Se ele pode restaurar nosso jardim, pode restaurar minha asa também!

— Não podemos arriscar! — diziam enquanto a seguravam ainda mais.

A mão do jardineiro estava prestes a subir de novo, e então não haveria outra flor para ele cortar perto dela, era sua última chance. Sem pensar no que estava fazendo, nem nas consequências de seus atos, chutou seus companheiros. O tempo vivendo longe do céu a deixou mais resistente à terra do que as criaturinhas que ainda podiam voar.

Dessa vez a mão do jardineiro já estava alta demais para uma fada sem asas alcançar, mas a manga de sua longa camisa de linho estava desfiada e um pequeno fio pendia naquele tecido. Nossa fadinha favorita usou todas as suas forças para dar o maior salto da sua vida. A ponta de seu dedo tocou na ponta do fio de linho, e então ela caiu.



◆ ◆ ◆

— Quem me tocou? — perguntou o jardineiro.

— Acho que fui eu! — uma criança travessa respondeu — tropecei nas pedras e esbarrei no senhor, sinto muito.

— Não foi você — Olhou para sua manga desfiada e sorriu.

O jardineiro calmamente largou sua tesoura e começou a guardar os materiais ainda sem tirar o sorriso do rosto.

— Mas e o jardim? — outra criança perguntou confusa.

— Ele está curado — respondeu.

As crianças riram, mas logo ficaram sem palavras quando perceberam que todas as flores estavam coloridas e cheias de vida novamente, não parecia mais o mesmo jardim que haviam encontrado.

— Mas como? — perguntaram-se.

— O milagre. Ele aconteceu.

— Foi o senhor que fez isso?

Ele pensou um pouco antes de responder.

— Uma fada fez isso.

— Fadas não existem! — Uma criança no final da fila debochou.

O jardineiro inclinou um pouco a cabeça e se aproximou da criança teimosa.

— Então o que houve aqui?

— Uma coincidência — a criança respondeu com convicção.

O homem sorriu e se ajoelhou na frente de seu aluno.

— Me diga pequenino, o que cativará o coração das pessoas quando você contar essa história? Podemos sempre fazer do jeito simples, é claro. Dizer apenas que um jardim se curou sozinho, pelas eventualidades do clima e da terra. Convincente, certo? Mas existe algo extraordinário em dizer: Era uma vez uma fada que restaurou as flores de seu jardim com uma canção estimada.

— Eu gosto de "Era uma vez" — outra criança falou timidamente.

— É, eu também.

— Mas não é convincente! — o aluno teimoso voltou a argumentar.

O jardineiro se levantou ao guardar todas as suas ferramentas.

— Vocês podem não acreditar, mas esse jardim estava morto e agora está salvo. Como vocês contarão essa história, é com vocês. Particularmente, eu prefiro a versão extraordinária.

E então partiu com suas doze crianças deixando Fadinha sozinha no chão em meio às lágrimas, com todas as criaturinhas ao redor paralisadas e envergonhadas de si mesmas. Sua asa havia sido curada, assim como planejado, mas ela sentia que algo dentro dela havia sido curado também.

Você agora deve estar se perguntando qual o nome da nossa fadinha de pele violeta, já que, em momento algum, essa informação foi mencionada. Entenda, caro leitor, que seu nome é o menos importante nessa história. Talvez ela nunca seja lembrada por aquilo que já a chamaram,

mas podem ter certeza de que ela sempre será lembrada como a fadinha de olhos esmeralda, vaidosa e pequena como as pétalas de um dente de leão de calçada, que um dia teve um encontro com o jardineiro. E isso, caro leitor, é mais valioso do que qualquer combinação de letras que possam te nomear.



ABOUT THE AUTHOR

Cristina Bomfim



Cristina Bomfim nasceu em Curitiba/PR e é formada em comunicação social. Artista até mesmo antes de se conhecer por gente, ela mesma é quem ilustra os personagens de seus livros. Apaixonada por fantasia e universos épicos, suas crenças e princípios não poderiam ser expressados de outra forma senão através da magia.

BOOKS BY THIS AUTHOR

A Guardiã De Pedras

Qual a única força capaz de unir a Origem?

Maila é a guardiã do templo de Ekratéia, um clã que preza pela excelência e disciplina. Lá ela é protegida pelo seu Dragão Original, um dos nove Originais da criação do mundo. No dia de sua iniciação como guardiã, o templo é invadido por rebeldes, jovens que se revoltaram contra seus próprios clãs. Em meio a batalha, Maila tem um reencontro inesperado com um antigo amigo, e por conta de seu descuido, o templo é saqueado.

Agora, junto de seu dragão, Maila terá que ir atrás dos rebeldes para recuperar o artefato roubado, mas para isso ela precisará se adaptar a novos costumes, novos clãs e principalmente lidar com os sentimentos conflitantes que surgiram após reencontrar seu amigo.

Em meio a tantos segredos, rebeldia e mentiras, Maila conseguirá se manter fiel aos princípios de seu clã?

Cartas Da Lua

Você já deve ter ouvido muitas histórias e teorias a respeito da nossa lua, mas com certeza essa versão você nunca ouviu. Era uma vez uma lua, seu sonho era encontrar seu planeta, seu grande amor, seu lar. Assim ela parte em viagem pelo espaço, conhecendo vários planetas.Durante a jornada, a lua escreve cartas para aquele que seria seu, aguardando o momento que finalmente ela o encontraria. Mas, e se eu te contar que essa história não é sobre a lua, nem sobre planeta algum? Vou te dar um spoiler, o final é sobre o Sol.